

INQUÉRITO de CONJUNTURA

3º Trimestre de 2011

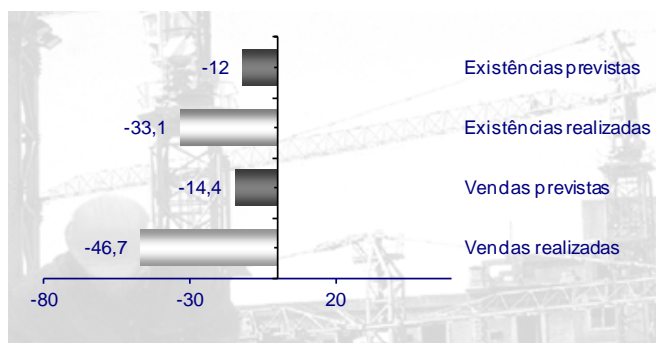
- Maioria das empresas diminuiu as vendas
- Nível de Atividade em terreno negativo para a maioria das empresas
- Mais de um terço das empresas reduziu os preços
- Pessimismo aumenta para o último trimestre do ano

APRECIÇÃO GLOBAL

O ligeiro alívio sentido no 2º Trimestre não teve sequência nos meses seguintes, assistindo-se a um novo e violento agravamento da recessão que o setor enfrenta continuamente desde 2002.

A percentagem de empresas que registou quebras de vendas face ao trimestre anterior foi de 56,3%, cerca de mais 10% que a observada no trimestre anterior, verificando-se que a diferença no saldo negativo das respostas extremas no item “vendas” foi ainda mais expressiva (-47,6%, contra -24,6% no 2º Trimestre), tendo ficado muito acima do que se previa (-14,4%).

VENDAS E STOCKS - 3º TRIMESTRE 2011
(saldo das respostas extremas)



Tal ficou a dever-se à diminuição acentuada do número de empresas que afirmaram o aumento das “vendas” (8,7%, o que compara com os 21,8% registados no trimestre anterior).

A percentagem de empresas que afirmou ter diminuído as existências (37,4%) voltou a ficar bastante aquém da percentagem dos que viram reduzir as vendas, apesar da percentagem das que indicaram o seu aumento (4,3%) ter sido inferior à das que subiram as vendas. De qualquer forma, habituais dificuldades de ajustamento dos stocks ao nível de atividade, com reflexos negativos na rentabilidade e na tesouraria.

No que respeita ao comportamento relativo dos sub-sectores armazenista e retalhista, apesar de continuarem a partilhar uma evolução de sentido negativo, apresentam diferenças que são particularmente significativas nos indicadores “nível de atividade” e “preços de venda”.

3º TRIMESTRE DE 2011

Indicadores	Saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 47,6	- 44,7	- 48,4
Existências	- 33,1	- 23,6	- 35,3
Preços	- 31,1	- 4,2	- 37,2
Atividade	- 48,8	- 61,9	- 35,0
Vendas homólogas	- 70,7	- 76,2	- 65,0

De facto, os armazenistas registaram um saldo das respostas extremas no indicador “nível de atividade” bastante mais negativo que o observado entre os retalhistas, consequência, sobretudo, de uma muito menor percentagem de empresas que classificou a atividade como “boa” (4,8%, contra 20%). Este comportamento poderá estar relacionado com a época do ano, por um lado, e com as restrições ao crédito à atividade da construção e à aquisição de habitação, por outro.

As respostas relativas aos “preços de venda”, por sua vez, traduzirão, eventualmente, uma menor sensibilidade dos armazenistas à concorrência, mas devemos lembrar-nos que este segmento, ao contrário do que se observou neste trimestre, tinha afirmado no período anterior, uma subida dos preços de venda, contrariando a tendência do conjunto do setor.

Desta vez, os “preços de venda” apresentaram uma clara descida, confirmando a inflexão da tendência que se observara no 2º trimestre. O sentido de diminuição dos preços foi generalizado, abrangendo os dois segmentos e a maioria dos grupos de produtos, com as já referidas diferenças. As exceções a esta tendência de baixa de preços, foram os “pavimentos de madeira e cortiça”, os “tetos e divisórias” e os “perfis, caixilharias e acessórios”, que apresentaram um comportamento misto, mas maioritariamente estável.

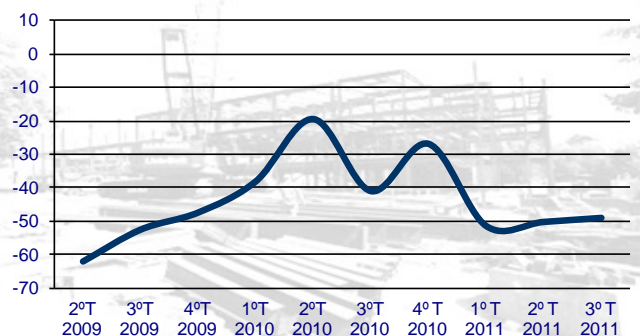
No que concerne ao comportamento do sector em geral, verificou-se uma situação clara de degradação em quase todos os indicadores considerados, com a exceção do nível de atividade.

EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE ACTIVIDADE
(saldo das respostas extremas)

3º TRIMESTRE DE 2011
(variação dos valores do saldo das respostas extremas face ao trimestre anterior)

Indicadores	Variação do saldo das respostas extremas em pontos percentuais		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 20,0	- 26,4	- 21,2
Existências	- 33,6	- 36,2	- 34,8
Preços	- 21,8	- 22,5	- 16,8
Atividade	+ 1,2	- 14,9	+ 18,0
Vendas homólogas	- 17,7	- 17,4	- 17,9

(sinal "-" indica pioria ou diminuição; sinal "+" indica melhoria ou aumento)

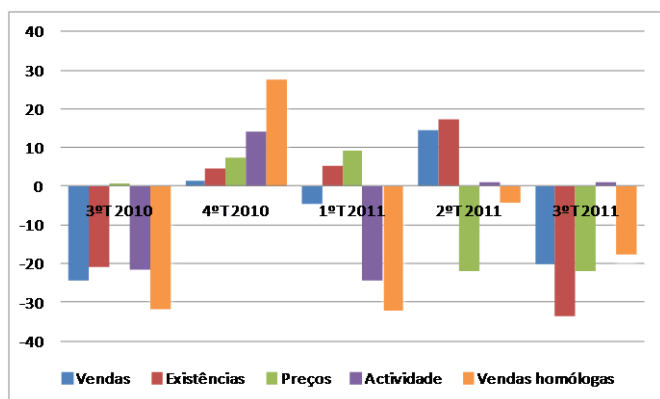


A situação mais preocupante resulta da leitura da evolução do indicador "**vendas homólogas**", que desde o 4º Trimestre de 2010 vem apresentando, de forma sistemática, um comportamento mais desfavorável, indicando que as quebras de vendas face ao mesmo período do ano anterior são, trimestre após trimestre, mais significativas.

O saldo negativo das respostas extremas observado neste 3º trimestre de 2011 foi de -70,7% (contra -53% no trimestre anterior), deixando perceber que são muito poucas as empresas que têm conseguido evitar a diminuição do respetivo volume de negócios.

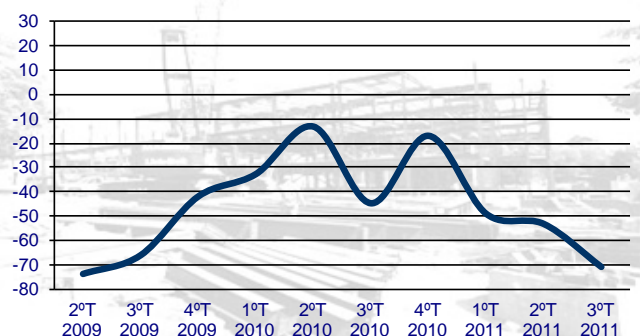
Todavia, esta ligeiríssima melhoria no indicador "**nível de atividade**", não é verdadeiramente significativa, uma vez que a grande maioria das empresas do setor (61%) considerou que esta foi "deficiente" no trimestre em análise, tendo inclusive a percentagem dos que a consideraram "boa" diminuído de 14,7% no trimestre anterior, para os atuais 12,2%.

VARIAÇÃO DOS VALORES DOS SALDOS DAS RESPOSTAS EXTREMAS FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



Para além das "**existências**", o indicador que mais se deteriorou foi o relativo aos "**preços de venda**". Mas, enquanto o primeiro, embora refletindo um desinvestimento significativo em stocks que indicia uma maior contração no setor, pode ter uma leitura positiva no sentido em que corresponde a um ajustamento ao menor volume de vendas, o segundo, por outro lado, poderá, num contexto inflacionista, significar uma nova quebra das margens, pressionadas pela diminuição da procura e pela forte concorrência.

VOLUME DE VENDAS COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR



A confirmá-lo está o aumento registado na percentagem das empresas que afirmou ter diminuído as vendas face ao período homólogo do ano anterior. Foram 80,5% (contra 70,6% no segundo trimestre). Entretanto, apenas 9,8% das empresas afirmou o aumento das vendas face ao trimestre homólogo (17,6% no trimestre anterior).

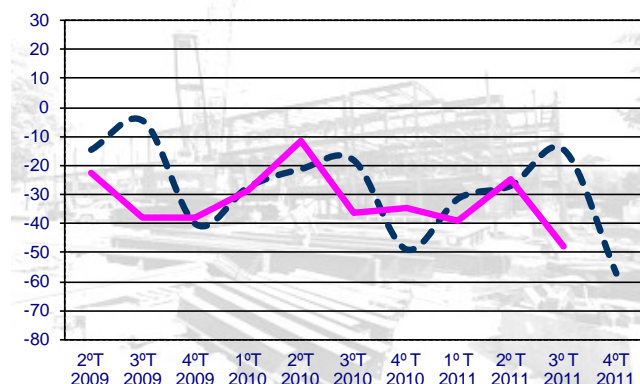
As expectativas para o quarto trimestre de 2011 são absolutamente desanimadoras, apontando para uma intensificação ainda maior das perdas do setor, uma vez que ultrapassado o período que, em termos de sazonalidade, costuma ser o mais favorável.

4º TRIMESTRE DE 2011
PERSPECTIVAS PARA O 4º TRIMESTRE DE 2011

Indicadores	Saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Cart. Encomendas	- 57,0	- 63,9	- 55,6
Vendas	- 57,0	- 61,7	- 56,1
Enc. Forneced.	- 57,1	- 66,0	- 55,1
Existências	- 53,1	- 48,9	- 54,1

Embora, como se pode observar no gráfico “Vendas Previstas e Vendas Realizadas”, as expectativas dos empresários para o 4º trimestre do ano tenham sido, quer em 2009, quer em 2010, sempre “piores” que as alimentadas para os outros períodos, não obstante os resultados observados nunca terem sido tão maus, é razoável pensar que este ano poderão, infelizmente, acertar.

Vendas Previstas e Vendas Realizadas
(saldo das respostas extremas)



Objetivamente, a economia portuguesa permanece em recessão técnica e a maior redução continua a observar-se ao nível do mercado interno, com particular incidência na redução do crédito às famílias, especialmente na área do crédito à habitação.

Os indicadores de conjuntura mais recentes sobre o sector, divulgados pelo INE, revelam uma forte tendência de redução do mercado da construção de edifícios. Assim, o número de edifícios licenciados no terceiro trimestre diminuiu 5,5% quando comparado com o trimestre anterior (-1,95% no segundo trimestre), ao mesmo tempo que a variação homóloga registou uma diminuição de 10,23%. Por sua vez, o número total de fogos licenciados em construções novas para habitação familiar registou uma variação trimestral de -8.31% (-11,1% no trimestre anterior).

A construção nova de habitação, que representa o principal destino dos materiais de construção, permanece em queda acentuada, tendo sido emitidas licenças de construção para apenas 3970 fogos, a nível na-

cional, contra 4299 no trimestre anterior, a que corresponde uma variação homóloga de -19,87% e uma variação média anual de -26,1%.

É no subsector da reabilitação que reside a esperança para a fileira da construção e esse, embora tarde em arrancar, terá resistido melhor às dificuldades, verificando-se que o número de licenças de obras de reabilitação teve um decréscimo, em termos trimestrais, de apenas 1,25% (de 2393 para 2363), mantendo-se, todavia, positivas, quer a variação homóloga que se cifrou em 7,07%, quer a variação média no último ano que atingiu os 2,2%.

Mas, para que a reabilitação urbana avance vai ser necessário garantir duas condições: uma lei de arrendamento urbano adequada (e um quadro fiscal atrativo) e um mínimo de financiamento que sustente o investimento neste mercado.

A alteração do NRAU, de forma adequada, é responsabilidade do Governo, dando aliás cumprimento às obrigações assumidas com a troika. A questão financeira terá que ser assumida pela banca e pelo governo.

No caso da banca, esta deverá compreender que é absolutamente necessário fazer um esforço para continuar a manter o financiamento indispensável, quer às empresas de construção, quer de promoção imobiliária, mas também às famílias para aquisição, viabilizando este novo mercado, tendo consciência que uma redução brusca do crédito só irá aumentar o malparado e atirar para a insolvência centenas de empresas, ameaçando o próprio setor financeiro.

O Governo deverá ser capaz de mobilizar algumas centenas de milhões das verbas do QREN ainda não utilizadas, para criar linhas de crédito para a reabilitação urbana, complementando a garantia real que já existe neste tipo de operações com garantias financeiras que reduzam o risco, e comparticipando o pagamento dos juros de forma a fazê-los baixar para níveis razoáveis e que viabilizem o investimento neste tipo de operações imobiliárias, naturalmente mais onerosas que a construção nova.

Não é assim tão complicado!